

A relação educativa – “o outro lado do espelho”: vozes de alunos/as sobre o trabalho docente

Fátima Pereira, Thiago Freires, Carolina Santos³¹⁶

Resumo

Este trabalho apresenta resultados do projeto “A centralidade da experiência escolar na estruturação da vida dos jovens: narrativas biográficas de alunos/as do 3º CEB”, integrado na Investigação Jovem da Universidade do Porto e realizado em parceria da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCEUP) e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O projeto tem como objetivo identificar os efeitos da escolaridade na vida dos alunos. Por compreender o aluno como importante ator do sistema educativo, valorizamos a sua voz numa metodologia que recorre às narrativas biográficas como possibilidade de compreensão da realidade e construção de conhecimento.

Sendo o trabalho docente uma profissão que envolve, necessariamente, interação humana, a recolha de narrativas dos alunos possibilita compreender a relação educativa a partir da voz de quem está do outro lado, na sala de aula. A entrevista de tipo biográfico respeita a subjetividade e procura não quantificar relações que envolvem vontades e emoções. É um espaço que permite conjugar perceções do passado e do presente com expectativas do futuro, considerando o contexto, a temporalidade e o local de onde se fala. Assim, realizaram-se trinta e quatro entrevistas de tipo biográfico a alunos/as de oito agrupamentos de escolas do Observatório da vida das escolas (OBVIE) do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da FPCEUP. Pretendeu-se com esse procedimento, aprofundar e dar maior consistência às questões identificadas como relevantes no estudo.

Para este trabalho, compreende-se a singularidade e o protagonismo de cada sujeito e, no que toca o estudo com narrativas, justifica-se que “o que há a compreender na narrativa não é tanto o seu autor mas aquilo sobre o que se falou, o mundo humano da ação que é refeito pelo texto (PEREIRA, 2011, p.64)”. Assim como Correia (1998), assume-se aqui que as narrativas não deixam a investigação menos lúcida por se apoiar nos textos dos personagens principais da escola, a saber, os alunos; trata-se apenas, como realça também Latour, de se reconhecer aos sujeitos-objetos educativos o “direito e a dignidade de serem narrativa” (LATOURE, 1991, p. 123) e de se considerar as estruturas do mundo vivido como “regras gerais de interpretação, segundo as quais o actor define a situação da vida quotidiana e se define a si próprio” (Habermas, apud CORREIA, 1998, p. 184).

O *corpus* da investigação foi submetido à análise de conteúdo. Entre os resultados, destacam-se as representações da figura do professor que os alunos criam e as suas conceções, seus sentidos e significados acerca do trabalho docente. Como assunto que permeia toda a discussão, encontra-se a relação educativa, apontada pelos alunos como fator decisivo para o sucesso escolar e determinante para a vontade de estar na escola. Também apresenta relevo entre os resultados da análise a correspondência entre os aspetos positivos e negativos da vida familiar e da vida escolar de cada aluno. A personalidade definida como positiva nos encarregados de educação é a mesma quando os alunos se reportam aos

³¹⁶ Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

professores. Uma relação próxima e de confiança, com conversa, surge nas preferências dos estudantes, enquanto conflitos e agressividade são definidos como eixo negativo tanto no âmbito familiar quanto no educativo.

A escola se configura como um espaço de projeto de vida (mesmo quando forçado), que podendo estar alheio aos desejos e interesses de estudantes, ainda aparece sob o preceito de única possibilidade na conjuntura social (cf. CHARLOT, 2009). A humanização das relações, como desejo explícito do corpo discente, simboliza uma das formas de diminuir a opressão que a cultura escolar pode imprimir na vida de um/uma estudante, a partir de códigos e normas rígidas que exigem comportamentos específicos. A fim de gerenciar um percurso educativo que seja mais democrático e inclusivo, o que emerge das entrelinhas das narrativas colhidas é uma reconfiguração do espaço escolar, onde a postura e a competência do profissional docente se demonstram essenciais para a real dinamização de mandatos escolares.

O desígnio do professor e de suas práticas, que se faz possível neste estudo, portanto, retrata a emergência de um modelo que é preconizado pelo ator que tem a relação mais imediata com este, o/a estudante. Nesse sentido, organiza-se uma categorização que acede a três pontos principais: relações interpessoais, formação profissional e gestão dos processos de aprendizagem. No campo das relações, há questões que se vinculam com os temas da ética, da humanização e do profissionalismo. Diretamente associadas a este tema, levantam-se considerações sobre a identidade e a competência do/a professor/a, inclusive no que toca ao caráter pessoal da escolha e à entrega na profissão exercida. Por fim, as entrelinhas estudantis permitem compor um rico material acerca daquilo que se espera das relações em sala de aula, métodos e propostas de trabalho.

A contraposição do modelo emergente do/a profissional docente, bem como as implicações imediatas daquilo que deve constituir a escola e as interseções que se fazem possíveis com o ambiente familiar, é o que permite a este estudo assentar uma leitura da contemporaneidade escolar e dialogar com os desafios da carreira docente e da escola, enquanto projeto, numa perspectiva de privilegiar um espaço heterogêneo e democrático. A escola a que se quer aceder se destaca pelo desenvolvimento de uma nova face. Uma face que depreende a construção de novas relações entre os protagonistas da educação e que se alicerça, especialmente, na cultura de características como a informalidade, a criatividade, a iniciativa e o entusiasmo (cf. ABRANTES, 2003).

Trazemos, para este texto, o trabalho docente visto e narrado pelos/as alunos/as que «montam» suas histórias para os investigadores. Dessa forma, mostramos o outro lado do espelho, a fim de apresentar a visão daquele que reflete e é refletido pelo professor, numa relação em que é preciso conhecimento e reconhecimento do outro lado para que a confluência de interesses possa ser facilitada por uma comunicação e por uma relação educativa que potencialize o processo de ensino-aprendizagem.

Incluído no projeto maior sobre a centralidade da experiência escolar na construção do percurso dos jovens, fazemos, neste texto, a contextualização da investigação, de forma a apresentar o projeto e clarificar seus objetivos, sua problemática e sua metodologia, para, posteriormente, analisar os resultados mais pertinentes, discutindo, essencialmente, da relação educativa compreendida entre professor e aluno.

A centralidade da experiência escolar na estruturação da vida dos jovens

Realizada no âmbito da Investigação Jovem da Universidade do Porto, a presente pesquisa advém de um projeto emergente no Observatório da Vida nas Escolas (OBVIE), que é um dos observatórios do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). O OBVIE, criado no início de 2008, nasce do desejo de constituir uma rede de saberes por meio de contributos emergentes de projetos de investigação cujo objeto e / ou campo de estudo considera a Escola em sua heterogeneidade, polifonia e possibilidades epistemológicas.

Entre vários aspetos, podemos identificar alguns dos principais objetivos do OBVIE, como: a implementação de uma rede de recolha de informação fundamentada na utilização de metodologias de investigação e no estabelecimento de protocolos, visando ao acesso a dados atualizados sobre a vida nas escolas; a produção de conhecimento em diferentes domínios que tenham implicações nas formas de vida produzidas na escola; um outro objetivo pode ser traduzido pelo desejo de vir a conhecer especificidades dos processos educativos e relacionais experienciados em diferentes escolas; a criação de dispositivos de divulgação sistemática do conhecimento produzido; e por fim, podemos identificar a realização de debates prospetivos com as comunidades educativa e científica sobre os resultados da atividade do observatório, como Mouraz e Pereira (2011) nos referem.

Por natureza, situado num pressuposto de parceria, o projeto envolve dezasseis agrupamentos de escolas, situados especialmente no Norte de Portugal, não com o preceito de analisá-las, mas de contribuir de modo ativo para a produção de conhecimento sobre a vida no contexto escolar, por meio de procedimentos que promovem uma partilha e debate com os próprios sujeitos que vivenciam esse espaço e aqueles para quem esses saberes também são pertinentes. Assim, podemos dizer que os pressupostos da pesquisa envolvem uma apropriação dos resultados pelas escolas, em uma dimensão de liberdade e de respeito ao seu funcionamento.

É preciso compreender marcas que são temporais, locais e sociais, intrínsecas aos processos educativos e suas disposições (Boavida & Amado, 2006). Face a transformações, que produzem novas configurações identitárias e novas condições socioculturais e económicas, geradas pelo contexto social atual, cabe perceber como o quotidiano da escola, das crianças e dos jovens, dos professores e das famílias é afetado de modo a instabilizar as práticas escolares, emergindo então uma necessidade de legitimar novos mandatos institucionais, em que as dimensões das relações educativas, dos saberes escolares, da organização institucional e do lugar social da educação escolar sejam consideradas. Do mesmo modo, importa verificar como se desenha o papel da informalidade na construção educativa e que espaço ela vai ocupando na vida dos estudantes.

Historicamente, a tarefa de se desenvolver e dinamizar novos mandatos institucionais no campo da educação deixou de lado uma das vozes que compõem a polifonia educacional, a dos/as alunos/as (cf. Pereira, 2010). Apesar de nos anos de 1970, na Inglaterra, surgir um movimento de investigação sobre aquilo que o corpo discente tinha a dizer, foi somente nos anos de 1990 que a epistemologia da escuta discente ganhou relevância (Teixeira & Flores, 2010) sob a forma do que agora conhecemos como o paradigma da “voz do aluno”.

Além de se configurar como uma opção simultaneamente epistemológica e ética, essa corrente de estudos consagra também uma dimensão democrática da escola, uma vez que se observam considerações e

opiniões dos/as alunos/as nas decisões tomadas no ambiente escolar, atribuindo a estes, nessa instância, um protagonismo na gestão educativa (Flutter&Rudduck, 2004). O trabalho de se fazer perceber na dinâmica escolar, aliás, importa especialmente porque significa ter consciência da capacidade de contribuir para a melhoria do sistema educativo (*idem*).

Entendendo que a educação autêntica “não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos” (Freire, 2005, p. 97), interessa-nos compreender como a escola influencia as visões de mundo construídas pelos seus alunos.

Sendo um dos pressupostos da pesquisa, a apropriação dos resultados pelas escolas e um visível respeito ao seu funcionamento e à sua liberdade, a política que sustenta o vínculo das escolas ao projeto aqui referido assume que não é ético e proveitoso haver interesse de um lado só, revelando a participação das escolas movida pelo próprio interesse educativo da instituição. Desta forma, a participação existe porque as escolas querem e enquanto elas quiserem. O objetivo da pesquisa é construir relações de saberes com a escola e não para a escola ou em vez da escola, em uma substituição de preposições que altera de facto o protagonismo dos sujeitos em pesquisa.

Metodologia

Sendo o trabalho docente uma profissão que envolve, necessariamente, interação humana, a recolha de narrativas dos/as alunos/as possibilita compreender a relação educativa a partir da voz de quem está do outro lado, na sala de aula. A entrevista de tipo biográfico respeita a subjetividade do fenómeno em estudo e procura não quantificar relações que envolvem vontades e emoções. É um dispositivo metodológico que permite conjugar perceções do passado e do presente com expectativas sobre o futuro, considerando o contexto, a temporalidade e o local de onde se fala. Assim, realizaram-se trinta e quatro entrevistas de tipo biográfico a alunos/as de oito agrupamentos de escolas do Observatório da vida das escolas (OBVIE). Pretendeu-se com esse procedimento, aprofundar e dar maior consistência às questões identificadas como relevantes no estudo.

Para este trabalho, compreende-se a singularidade e o protagonismo de cada sujeito e, no que toca ao estudo com narrativas, justifica-se que nos interessamos por aquilo sobre o que se falou, visto que compreendemos que o texto da narrativa permite refazer o mundo humano da ação (Pereira, 2011). Assim como Correia (1998), assume-se aqui que as narrativas não deixam a investigação menos lúcida por se apoiar nos textos dos personagens principais da escola, a saber, os/as alunos/as; trata-se apenas, como realça também Latour, de se reconhecer aos sujeitos-objetos educativos direito e dignidade de serem narrativa (Latour, 1991) e de se considerar as estruturas do mundo vivido como “regras gerais de interpretação, segundo as quais o actor define a situação da vida quotidiana e se define a si próprio” (Habermas, apud Correia, 1998, p. 184).

Para este estudo, então, as dimensões contempladas no guião da entrevista consideram dados de caracterização, perspetiva panorâmica sobre o percurso de vida do aluno – entendendo-se que há vida além da escola –, envolvendo a educação familiar, o desenvolvimento pessoal e académico, as relações

com os colegas, com os professores e com o saber, a ação da escola sobre si e as perspectivas de futuro que envolvem, necessariamente, a educação.

O OBVIE tem parceria ativa com dezasseis agrupamentos de escolas do norte de Portugal, mas somente oito deles participaram na realização do projeto acerca dos efeitos da escolaridade no percurso de vida dos/as alunos/as, permitindo uma recolha de trinta e quatro entrevistas semiestruturadas do tipo biográfico de estudantes do 9º ano de escolaridade.

A dimensão dos efeitos da escolaridade nos percursos de vida dos/das estudantes é o desdobramento de um dos eixos de toda a pesquisa. Por isso, o processo que compõe a seleção dos/as alunos/as entrevistados, aqui discutida, levou em consideração questões que também focavam interesses do trabalho realizado acerca das aprendizagens e climas de escola, além da investigação que contextualiza os saberes num processo de melhoria dos resultados dos/as alunos/as.

Cada escola participante foi instruída, portanto, a selecionar dez alunos de cinco turmas diferentes do nono ano, que estivessem frequentando aquele estabelecimento há pelo menos cinco anos. Os nomes deveriam ser iniciados com as últimas letras do alfabeto, no intuito de evitar enviesamentos com o género. Deste grupo de sujeitos, representantes das próprias escolas deveriam eleger cinco estudantes que pudessem participar de uma recolha aprofundada de dados, mediante realização de entrevistas. A reflexão para esta seleção final deveria atender a uma diversidade dos critérios de género, origem social e académica, além de considerar o percurso escolar existente na instituição de ensino.

Dessa forma, as entrevistas foram colhidas e transcritas pelos próprios profissionais das escolas, sendo posteriormente submetidas à equipe de investigação da FPCEUP. No momento em que foram reunidas as entrevistas das diversas instituições participantes, todas as informações relativas à identidade física dos sujeitos da investigação foram suprimidas. Esses dados são de carácter confidencial e os nomes que se mencionam em trechos aqui divulgados são fictícios.

Os sujeitos com quem se realizaram entrevistas semiestruturadas do tipo biográfico são alunos/as que estão matriculados e frequentam a escola há pelo menos 5 anos. Interessava-nos compreender o efeito das características específicas de cada escola em particular nos percursos narrados pelos/as alunos/as. Os critérios de escolha dos/as alunos/as foram definidos pela equipa de investigação e pela escola, competindo a esta selecionar os/as alunos/as, objetivando-se uma certa diversidade de identidades, como, por exemplo, alunos/as com sucesso e alunos/as com insucesso, marcados em seu percurso escolar.

A recolha das entrevistas foi organizada com representantes das escolas, que também colaboraram na definição do guião da entrevista, e foi realizada por profissionais não professores dessas mesmas escolas (psicólogo, mediador escolar, assistente social, educador social, etc.) de modo a não condicionar o discurso dos/as alunos/as e não inibir respostas mais espontâneas em razão da relação estabelecida entre o professor e o aluno, que envolve, também, avaliação, atenuando a possibilidade de se criar uma relação de tensão.

O *corpus* da investigação foi submetido a análise de conteúdo. Inicialmente foram feitas leituras flutuantes do material, de forma a identificar potenciais categorias que pudessem contemplar toda a riqueza do material. Estas categorias, definidas posteriormente, mesclaram-se com outras categorias, que já tinham sido delineadas primeiramente, tendo em consideração as temáticas da pesquisa e o próprio guião da entrevista, que funcionou como um filtro de assuntos interessantes à investigação. Tendo o sistema

categorial definido, a codificação do material empírico foi feita com apoio do software Nvivo. Depois da codificação, os relatórios pertinentes ao estudo foram gerados e seus resultados discutidos entre o grupo de investigadores e analisados à luz do quadro teórico no qual se alicerça o projeto.

Entre os resultados, destacam-se aqui as representações da figura do professor que os/as alunos/as criam e as suas concepções, seus sentidos e significados acerca do trabalho docente, resultados esses que discutimos a seguir.

A relação educativa do outro lado do espelho: a voz dos/as alunos/as sobre o trabalho docente

Como assunto que permeia toda a discussão encontra-se a relação educativa, apontada pelos/as alunos/as como fator decisivo para o sucesso escolar e determinante para a vontade de estar na escola. Também apresenta relevo, entre os resultados da análise, a correspondência entre os aspectos positivos e negativos da vida familiar e da vida escolar de cada aluno. A personalidade definida como positiva nos encarregados de educação é a mesma quando os/as alunos/as se reportam aos professores. Uma relação próxima e de confiança, com conversa, surge nas preferências dos estudantes, enquanto conflitos e agressividade são definidos como eixo negativo tanto no âmbito familiar quanto no educativo.

O relacionamento entre alunos/as e professores/as está explícito nas entrevistas e é mencionado de forma direta. No decorrer das entrevistas o/a próprio/a aluno/a caracteriza o que são bons e maus educadores e também apresenta a imagem que os pais têm dos professores.

A fala dos/as alunos/as possibilita-nos compreender esta caracterização por uma análise que permite identificar a forma como a experiência escolar possibilita aos/as alunos/as indicar o que lhes parece ético e respeitável, ou não, na atitude de professores/as. Podemos caracterizar a figura do professor por meio do reconhecimento de categorias como relações interpessoais, formação profissional e gestão dos processos de aprendizagem através da voz dos estudantes que participam da investigação.

No que se refere às relações, há aspectos que tocam a ética, o profissionalismo e a humanização. Os resultados revelam, de forma destacada, uma rejeição à imagem de professores/as que privilegiam alguns estudantes em desfavor de outros, ao longo de suas práticas escolares, e indicam, de modo claro, interesse por um profissional que não somente seja capaz de cumprir seu papel didático, mas também supra uma necessidade relativa ao campo afetivo.

[Não gosto dos professores] Quando ensinam mal. E quando gostam mais de um aluno e deixam o resto à porta. (Maurício)

Penso que [os maus professores] são aqueles com quem não há uma ligação, não estabelecem uma ligação com os/as alunos/as, estão sempre com uma maneira muito fria. Se calhar, ao falar, vou encontrar imensos professores, assim, que vão ser bons professores, mas neste momento, penso que não estabelecer uma ligação com os/as alunos/as de uma forma afetiva, não ter disponibilidade para estar lá sempre, para nos ajudar quando for preciso [caracteriza o mau professor]. (Augusto)

A relação educativa, como observamos, perpassa diversos domínios e se faz notar também no discurso dos/as alunos/as participantes da pesquisa a respeito de como os/as professores/as transparecem seu apreço por sua formação profissional em sala de aula:

(...) há professores que são professores, mas não têm carisma. Acho que é preciso gostar, mesmo gostar do que se faz porque envolve imenso trabalho e... (Mateus)

Outro aluno enfatiza a importância do compromisso com o trabalho e os efeitos positivos que isso pode trazer: “Tem que ser, acho que motivado porque alguns professores parecem mesmo fazer uma obrigação” (Vinicius).

A gestão dos processos de aprendizagem pode definir o que vem a ser um bom ou um mau docente, visto que essa é uma dimensão que tem efeito mais imediato para os/as alunos/as. Os professores surgem como fundamentais na construção de uma escola que seja inovadora, motivadora e diferente. Suas práticas podem tornar a sala de aula um espaço monótono ou dinâmico, comprometido com os atores envolvidos no processo:

[Não gosto] Quando eles dão, não (...) quando é para transcrever grandes textos nos quadros e nós temos que estar a passar disso. (Bianca)

[Gosto] Quando o professor tem as aulas animadas e também percebe-nos a nós quando a gente quer falar, percebe o nosso lado. (Thainara)

Podemos concluir, através dos resultados, que as características que identificam o bom professor na visão dos/as alunos/as remetem à compreensão, à preocupação com as necessidades de aprendizagem e o respeito à figura do/a aluno/a, enquanto o mau professor está vinculado à rejeição e associa-se a um caráter autoritário e centralizador, o que, na voz dos/as alunos/as aparece traduzido no descontentamento dos/as jovens pelos berros e gritos proferidos em sala e a eventual desmotivação do docente.

Será, portanto, na interseção dos campos profissional e interpessoal que a figura do professor irá emergir enquanto produtora de sentidos, segundo os jovens entrevistados. As características mais valorizadas, assim, remontam às capacidades do professor em gerir atividades que sejam dinâmicas, inovadoras e permitam a participação direta dos estudantes.

Os professores devem deixar transparecer o gosto pelo exercício de sua atividade profissional, tratar a todos de maneira igualitária e estarem dispostos a construir uma relação baseada na informalidade, ainda que regulada pelos princípios de autonomia e respeito, um desejo que na obra de Charlot (2009) é sumarizado na forma “antropo-pedagógica”, isto é, esta regulação da distância entre professor e aluno, no campo escolar, não se dá por uma exigência meramente afetiva, mas retrata um desejo que advém da ordem dos processos de aprendizagem, onde a disposição para tal exercício emerge da capacidade de integração dos sujeitos envolvidos. Na leitura de Freire (2005), tratar-se-ia da composição de um espaço educativo pautado na autenticidade da aprendizagem, afinal, segundo ele, não se produz educação por imposição, mas por integração.

Na face oposta desta figura que se constrói no discurso dos estudantes está justamente o professor caracterizado pelo autoritarismo, o cansaço e as aulas enfadonhas, que não cativam ou provocam estes jovens. A composição desta figura se dá por meio de relatos de experiências em sala de aula que remontam a episódios com berros, discriminação, métodos e materiais monótonos, que configuram uma aula baseada na cópia de textos ou exposição exclusiva do professor, o que colabora para um contexto de formação esvaziado de sentido. Ressaltemos, todavia, que não somente estas experiências fizeram parte do

quotidiano destes jovens, há muitas marcas daqueles que lhes abriram asperspetivas sobre o como pode ser uma boa escola.

Quadro nº 1- Caracterização do professor

Aspetos positivos de um professor
<p>[O que é que mais gostas num professor?]</p> <p>Ser simpático, que ensine bem a matéria.</p> <p>[O que é que mais gostas num professor?]</p> <p>Há professores e professores. Gosto de um professor organizado, que chegue a horas, que ponha disciplina, mas que não seja exagerado.</p> <p>É assim, aspetos positivos, eu acho que eles são bons professores e que apostam muito em nós. Apostam bastante em nós e explicam bem, são calmos não. Tirando assim um ou outro eles tentam fazer-nos entender a matéria (...) e ajudam-nos sempre, são bons professores.</p> <p>E depois há também professores que têm a predisposição de nos ouvir e estarem atentos a nós e pronto.</p> <p>[O que é que mais gostas num professor?]</p> <p>A forma como tenta explicar a matéria para que eu perceba melhor.</p> <p>Mas por exemplo nas filas e assim, o professor Renato e o professor André ajudam muito, eu acho. São rigorosos e têm de ser assim para eles respeitarem.</p> <p>Talvez se os professores não me tivessem chamado, para participar eu seria mais recatada se calhar não falaria tanto, seria mais assim mais discreta, mais só para mim percebe? Se calhar eles puxaram por este lado de falar com muita gente, de não ter vergonha, foi isso que mais me marcou.</p> <p>Acho que é preciso gostar, mesmo gostar mesmo do que se faz, porque envolve imenso trabalho e...</p>
Aspetos negativos de um professor
<p>[O que é que gostas menos num professor?]</p> <p>Quando berram connosco.</p> <p>[Ao longo destes anos tiveste muitos professores a berrar contigo?]</p> <p>Alguns...depois do 7º ano.</p> <p>[O que é que gostas menos num professor?]</p> <p>O oposto disto. Que chegue atrasado, que seja demasiado exigente ou nada exigente.</p> <p>É assim, há professores que nos compreendem mais, há professores que nos compreendem menos</p>

É assim, acho que não explicavam bem a matéria, começavam a berrar conosco, e estava toda a gente calada, coisas assim do gênero, e depois só a partir do 4ºano é que tive uma professora que realmente nos ensinava bem e ajudava-nos.

não acho que seja justo porque têm alunos preferidos e tratam mal os outros.

As aulas são muito monótonas, em alguns casos... em outros os professores andam muito mais, andam dois passos à frente de nós, não nos acompanham tanto e depois nós temos que acelerar mais um bocado.

Uma vez excluídos os casos mais extremos, como o de um jovem que diz não gostar de nada nos professores ou de uma jovem que afirma admirar os professores bonitos, as regularidades no discurso dos entrevistados se pautam, sobretudo, pelo desenvolvimento de ambientes de aprendizagem diversificados e inclusivos para descrever o sentido do trabalho de um professor. Suas experiências são o ponto de partida para elencar as características que, em conjunto, permitem aumentar a possibilidade que a escola tem de produzir efeitos. Como resume uma das estudantes, “Um bom professor é aquele que explica a matéria, as vezes que o aluno precisa entender. O mau professor é aquele que explica, o aluno não entende e ele sai.”.

Por fim, vale ressaltar que a relação educativa não compõe uma díade professor/aluno exclusiva, mas remonta também ao trabalho de outros agentes no campo escolar. São funcionários que vão desde as cozinheiras da cantina até aos diretores de escola. Para os entrevistados, em geral, trata-se de uma relação harmoniosa, apesar de haver um ou outro episódio em que estes agentes sejam caracterizados como antipáticos ou irrelevantes.

“[Que pensas do trabalho dos assistentes operacionais/funcionários?]”

“Não sei, nunca me dei ao trabalho de ver o que fazem. Nunca pensei neles.”

“Muito simpáticos. Não tenho nada de mal a dizer.”

“Há umas que eu gosto muito, mas há outras que eu acho que são um bocado antipáticas paraos/as alunos/as. Como agora ali em baixo. Estava a falar para um empregado a perguntar por si e ele virou-me costas. Não me respondeu. Eu achei isso um bocado mal. Não ter educação. Não foi bem-educada comigo e eu não gostei muito.”

Considerações finais

A escola se configura como um espaço de projeto de vida (mesmo quando forçado) que, podendo estar alheio aos desejos e interesses de estudantes, ainda aparece sob o preceito de única possibilidade na conjuntura social (cf. Charlot, 2009). A humanização das relações, como desejo explícito dos/as alunos/as, simboliza uma das formas de diminuir a opressão que a cultura escolar pode imprimir na vida de um/uma estudante, a partir de códigos e normas rígidas que exigem comportamentos específicos. A fim de gerenciar um percurso educativo que seja mais democrático e inclusivo, o que emerge das entrelinhas das entrevistas

realizadas é uma reconfiguração do espaço escolar, onde a postura e a competência do profissional docente se demonstram essenciais para a real dinamização de mandatos escolares.

O desígnio do professor e de suas práticas que se faz possível neste estudo, portanto, retrata a emergência de um modelo que é preconizado pelo ator que tem a relação mais imediata com este, o/a estudante. Nesse sentido, organiza-se uma categorização que acede a três pontos principais: relações interpessoais, formação profissional e gestão dos processos de aprendizagem. No campo das relações, há questões que se vinculam com os temas da ética, da humanização e do profissionalismo. Diretamente associado a este tema, levantam-se considerações sobre a identidade e a competência do/da professor/a, inclusive no que toca ao carácter pessoal da escolha e a entrega na profissão exercida. Por fim, as entrelinhas estudantis permitem compor um material heurístico acerca daquilo que se espera das relações em sala de aula, métodos e propostas de trabalho.

A contraposição do modelo emergente do/a profissional docente, bem como as implicações imediatas daquilo que deve constituir a escola e as interseções que se fazem possíveis com o ambiente familiar, é o que permite a este estudo assentar uma leitura da contemporaneidade escolar e dialogar com os desafios da carreira docente e da escola, enquanto projeto, numa perspetiva de privilegiar um espaço heterogéneo e democrático. A escola a que se quer aceder se destaca pelo desenvolvimento de uma nova face. Uma face que depreende a construção de novas relações entre os protagonistas da educação e que se alicerça, especialmente, na cultura de características como a informalidade, a criatividade, a iniciativa e o entusiasmo (cf. Abrantes, 2003).

Referências

- ABRANTES, Pedro (2003). Os sentidos da escola. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. Oeiras: Celta.
- BOAVIDA, João, & AMADO, João (2006). Ciências da Educação. Epistemologia, identidade e perspectivas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CHARLOT, Bernard (2009). A relação com o saber nos meios populares. Uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio. Porto: Livpsic.
- CORREIA, José Alberto (1998). Para uma teoria crítica em educação. Porto: Porto Editora.
- FREIRE, Paulo (2005). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- LATOUR, Bruno (1991): 'Technology is Society Made Durable', John Law (ed.): *A Sociology of Monsters: Essays on Power, Technology and Domination*, London: Routledge.
- PEREIRA, Fátima (2011). Referencial teórico para o projecto "Sentidos e significados da vida na escola: um estudo exploratório em vozes do/a aluno/a". Porto: CIIE.
- PEREIRA, Fátima (2010). Infância, Educação Escolar e Profissionalidade docente. Um mapeamento social dos discursos em formação inicial de professores. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

TEIXEIRA, Cidália, & FLORES, Maria Ferreira (2010). Experiências escolares de alunos do ensino secundário: resultados de um estudo em curso. *Educação e Sociedades*, Campinas, SP, 31, 110, 113-133, jan.-mar.

FLUTTER, Julia, & RUDDUCK, Jean (2004). *Consulting pupils: what's in it for schools*. Londres: RoutledgeFalmer.